

## ACONTECEU NO METRÔ DO BROOKLYN

Paul Deutshman

O vagão estava cheio e parecia não haver nenhum assento vago.

Mas, assim que entrei, um homem sentado perto da porta levantou-se para descer, e eu ocupei seu lugar.

Moro em Nova York há um bom tempo para saber que não devo puxar conversa com estranhos. Porém, por ser fotógrafo, tenho o hábito de analisar o rosto das pessoas. E os traços 6sionômicos do passageiro à minha esquerda me chamaram a atenção. Ele devia ter perto de 40 anos e, quando levantou a cabeça, notei uma expressão de sofrimento em seus olhos. Ele estava lendo um jornal em húngaro, e me senti induzido a perguntar naquele idioma:

- Você se importaria se eu desse uma olhada em seu jornal?

O homem pareceu surpreso ao ver alguém se dirigir a ele em seu idioma e respondeu educadamente:

- Pode ler o jornal agora. Depois eu leio.

Durante a meia hora de viagem até o centro da cidade, tivemos uma boa conversa. Ele disse que se chamava Bela Paskin. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, ele era estudante de Direito.

Foi forçado a trabalhar no exército alemão e enviado para a Ucrânia.

Posteriormente, foi preso pelos russos e obrigado a enterrar os mortos alemães. Depois da guerra, ele percorreu centenas de quilômetros a pé até chegar a seu lar, em Debrecen, uma cidade grande localizada no leste da Hungria.

Eu conhecia Debrecen muito bem, e conversamos sobre a cidade por alguns instantes. Depois, ele me contou o resto de sua história.

Quando chegou ao apartamento que era ocupado por seus pais e irmãos, ele encontrou pessoas estranhas morando ali. Subiu a escada que dava acesso ao apartamento em que ele vivia com a esposa.

Também estava ocupado por estranhos. Ninguém ouvira falar de sua família.

Quando ele estava saindo, com o semblante carregado de tristeza, um menino gritou de longe:

- Paskin baesi! Paskin baesi! - cujo significado é "tio Paskin".

O menino era filho de um de seus antigos vizinhos. Ele foi até a casa do menino para conversar com seus pais.

- Sua família inteira está morta - disseram. - Os nazistas os levaram para Auschwitz, inclusive sua esposa.

Auschwitz era um dos mais terríveis campos de concentração nazista. Paskin perdeu todas as esperanças. Dias depois, abalado demais para continuar na Hungria, ele empreendeu nova viagem a pé, atravessando fronteiras e mais fronteiras, na calada da noite, até chegar a Paris. Conseguiu emigrar para os Estados Unidos em outubro de 1947, três meses antes de eu conhecê-lo.

Durante todo o tempo em que conversamos, achei que sua história me era familiar. Uma jovem que eu conhecera recentemente na casa de amigos também era de Debrecen; ela também havia sido enviada a

Auschwitz e, de lá, foi transferida para trabalhar em uma fábrica alemã de armas. Seus parentes tinham sido mortos na câmara de gás. Posteriormente, ela foi libertada pelos norte-americanos e trazida para cá, em 1946, no primeiro navio de carga de refugiados.

A história dessa moça comoveu-me a tal ponto que anotei seu endereço e número de telefone, na intenção de convidá-la para conhecer minha família e ajudá-la a preencher o terrível vazio de sua vida.

Parecia impossível haver alguma ligação entre aquelas duas pessoas.... Mas, quando se aproximava a estação em que eu deveria descer, procurei ansiosamente por meu livro de endereços. Perguntei àquele homem, em um tom de voz que eu esperava fosse casual:

- O nome de sua esposa era Marya?

Ele empalideceu. - Sim! Como você sabe?

O homem parecia prestes a desmaiar.

- Vamos descer - eu disse.

Segurei-o pelo braço. Descemos na estação seguinte, e eu o conduzi a um telefone público. Ele parecia estar em transe quando disquei o número do telefone dela.

Marya Paskin demorou muito para atender. Fiquei sabendo, depois, que seu quarto ficava perto do telefone, mas ela não costumava atendê-lo, porque tinha poucos amigos e as ligações eram sempre para outra pessoa. Desta vez, contudo, não havia ninguém em casa.

Depois de deixar o telefone tocar várias vezes, ela atendeu.

Quando ouvi sua voz, eu me identifiquei e pedi-lhe que descrevesse seu marido. Marya demonstrou surpresa diante do pedido, mas o descreveu. Em seguida, perguntei onde ela morou em Debrecen, e ela me disse qual era o seu endereço ali.

Pedi-lhe que aguardasse na linha. Virei-me para Paskin e disse:

- Você e sua esposa moraram na rua tal, número tal?

- Sim! - ele exclamou. Seu rosto estava branco como um lençol, e ele tremia.

- Procure manter a calma - eu insisti. - Um milagre está prestes a acontecer. Pegue o telefone e converse com sua esposa!

Ele movimentou a cabeça afirmativamente, como se estivesse atordoado, com os olhos lacrimejantes. Pegou o telefone, ouviu a voz da esposa e gritou:

- É Bela quem está falando! É Bela! - ele repetia histericamente.

Ao ver que o pobre coitado estava tão eufórico a ponto de não poder falar com coerência, peguei o telefone de suas mãos trêmulas.

- Não saia daí - eu disse a Marya, que também parecia à beira do histerismo. - Vou levar seu marido até você. Chegaremos daqui a alguns minutos.

Bela estava chorando como um bebê e dizia sem parar:

- É minha esposa! Quero ver minha esposa!

A princípio, pensei em acompanhar Paskin, porque ele poderia desmaiar de emoção. Mas concluí que aquele era um momento no qual não deveria haver a presença de um intruso. Coloquei Paskin em um táxi, forneci o endereço de Marya ao motorista, paguei a corrida e despedi-me dele.

O encontro de Bela Paskin com a esposa foi tão comovente, tão cheio de emoções liberadas, que, tempos depois, nem ele nem Marya conseguiam recordá-lo com precisão.

- Eu só me lembro do momento em que me afastei do telefone, caminhei até o espelho, como se estivesse sonhando, para ver se meu cabelo havia embranquecido - ela disse posteriormente. - Só sei que, logo em seguida, um táxi parou em frente à minha casa e meu marido veio ao meu encontro. Não me lembro dos detalhes. É só isto que sei... que voltei a ser feliz depois de tantos anos...

- Até hoje - ela prosseguiu -, é difícil acreditar no que aconteceu.

Nós sofremos demais; ainda sinto muito medo. Cada vez que meu marido sai de casa, eu digo a mim mesma: "Será que alguma coisa vai tirá-lo de mim outra vez?" O marido dela está confiante de que nenhum mal terrível recairá sobre eles.

- A Providência nos uniu novamente - ele diz com simplicidade. - Tinha de ser assim.